

pecuniaro na empresa editora d'A Semana :

II Nunca fui solicitado por V. nem por pessoa alguma em seu nome, para entrar com dinheiro nessa empresa, nem como accionista nem a titulo de emprestimo.

Acrescentarei que só uma vez entrei no escriptorio da redacção d'A Semana, sem encontrar os seus redactores, e que tenho commettido a ingratitude de não visitar V. em seu domicilio—nem mesmo uma unica vez.

Confesso-me publicamente de tão grande falta:—publicamente, porque podendo V. fazer o uso que lhe convier d'esta carta, não é facil que ella fique na sombra dos factos domesticos.

Sou com superior consideração e elevadissimo apreço.

De V. Amigo muito e muito obrigado e grande admirador Luiz Delfino.—

Ao meu bom e illustre amigo devo e quero publicamente agradecer a gentileza e a minha benevolencia com que se dignou de responder á minha carta; confessar a minha gratidão profundissima pelos serviços e pelas finezas que a mim, particularmente, e á minha folha tem dispensado, os quaes, mesmo por não serem de dinheiro, com dinheiro não podem ser pagos; e pedir-lhe perdão de ter ido perturbal-o e distrahil-o desagradavelmente dos muitos affazeres da sua profissão e dos seus preciosos trabalhos litterarios, sujeitando-o talvez—má do meu grado—n ser novamente alvejado pelos illupcionarios sagittarios da nossa imprensa patusca; facto que não pode incommodal-o, mas que sinto e lamento porque não comprehendendo que possa ninguem referir-se ao Dr. Luiz Delfino a não ser para presta-lhe todas as homenagens a que têm direito o seu talento, a sua illustração e o seu caracter.

Quero crer que depois das declarações insertas na carta supra, não repetirá mais que eu e os meus companheiros nos vendemos ao Dr. Luiz Delfino.

Resta agora aos nossos amigos o expediente de dizer isso mesmo... em relação a outro cavalheiro.

Terminando, tenho o prazer de informar aos *bótas e laets* que não podem comprehendere a fundação e manutenção de uma folha como *A Semana* durante dois annos e meio e a sua continuação senão attribuindo-as á venalidade do seu fundador e de seus redactores, que esse malagre foi devido ao uosso trabalho, ás unidas que soubemos fazer, á sympathia que conseguimos criar no publico, á nossa constante e indefessa actividade, ao uosso criterio, e tambem, se dáo licença, ao nosso talento.

Se lhes não for possivel acreditar nisso será por já não serem susceptiveis de crer que se possa honestamente criar e manter uma folha neste paiz.

E essa deficiencia moral bastaria por toda a nossa vingança.

Rio, 16 de Abril 1887.

VALENTIM MAGALHÃES.

NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando Dobram-se fura as arvores com o vento; Crescentes nuvens em compacto bando Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia. Os meus livros me esperam... mas que importa....

Quero sonhar, ouvindo a ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor: em que abandono Dormes? que pedra aterradora em cima Te puzeram, que coa vão no eterno somno A minha voz te anima?!

Levaram-te: um caixão com laxas de ouro, Um carro de ouro e crepe... horror inflado! E no caixão deitado um vulto louro Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorde! A noite está tão fria!
— Mas escuto uma voz... é a voz da morte.
E a voz da morte é a voz da ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

IDEIAS DE TODAS AS CORES

As imagens e figuras, em um escriptor, so têm real valor quando symbolisam idéias originaes e conceituosas. Fazer *estyllo* só por amor da arte é um pedantismo e uma inutilidade.

A differença fundamental que existe entre os escriptores naturalistas e os idealistas é a seguinte: os primeiros estudam a vida pela observação directa da natureza; os segundos a vêm em quinta dynamisação, através dos livros e das tradições. Aquelles vivem em um mundo real, estes em um mundo imaginario.

Politica e Diplomacia, duas sciencias importantissimas, vastas e complexas, mas cujas denominações são hoje synonymos de dissimulação, astucia, egoismo, conveniencias e corrupção!

« Com teu amo não jorges as peras. »
« Na boa ou má demanda põe o escripto da tua banda. »

Eis o que se devia escrever no adito do templo augusta da Justiça e do Direito.

E' engano; suppor-se que os bens da fortuna tornam o homem mais independente e melhor.

O dinheiro apenas põe em maior evidencia as boas qualidades ou os defeitos de que a natureza dotou quem u pussiê. Se teu boas intenções, a fortuna lhe proporciona meios de as realisar, ou pelo menos de as patentear; se nas veias lhe corre máu sangue, o ouro apenas faz com que elle possa elevar o mal á altura de um principio, impondo a sua immoralidade ao genero humano.

Iago, rico, seria Shylock; príncipe, seria Nero ou Caligula.

A independencia moral é tão independente dos bens de fortuna, que um bohemio de George Sand exclamava quando mostrava as algibeiras vazias: — *Voilà mon indépendance!*

Esta boutade é menos paradoxal do que parece.

Ha tanto patriotismo nos que propõem reformas que acelerem o progresso de um paiz, como naquelles que se oppõem aos excessos e desmandos dos primeiros.

D'ahi nasce o equilibrio social. A unica coisa que se deve exigir dos homens politicos é que sejam sinceros.

O jornalismo fluminense, em sua ge-

neralidade, está hoje reduzido ao seguinte — *blague*, troça, debochs.

Ninguém diz o que pensa nem o que sente. Por amor de uma pillheria ferina ou de uma insulsa pachuchada, os nossos jornalistas sacrificam o bom senso, os impulsos do coração, o proprio interesse pessoal; quanto aos principios e ás crenças, estes não os sacrificam elles, porque não os possuem nem para mezinhu.

Ha todavia algumas excepções.

O homem taciturno é sempre desconfiado e odiento.

A loquacidade é uma valvula por onde se escapam os ruins soutimentos. Gosto dos sujeitos grulhas.

Os que amam demasiado as gloriolas e a notoriedade vulgares nunca dão de conseguir a reputação e a gloria.

Quasi todas as religiões fazem consistir na immobillidade e na inacção o gozo supremo e a bemaventurança. Grande erro. O gozo, o prazer, a ventura, só podem ser encontrados no movimento, no trabalho, na actividade moral, physica e intellectual. Fora d'ahi só existe este monstro somnolento e mortifero que se chama Tedio.

UDO.

SONHEMOS...

Onde iremos pairar, toda envolvida,
Tu, pelas illusões,
E eu pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações?

Dos versos meus harmonicas escadas
Eu vivo a architectar,
Por onde em noutes longas, estrelladas,
Elevas-te a sonhar.

Elevas-te a sonhar! Dizendo em sonho
Todo este grande amor
Que me não dizes ter, mas que eu, risonho,
Sempre edulvino, flor.

Quero-te assim! Nos versos e nas rimas,
Que burlio por ti,
Min'h'alma, fonge de perversos climas,
Chora, canta e sorri!

Canta e sorri ás vezes; outras vezes
Chora, triste infeliz!
E o que não dizes, anjo, entre os revezes
A pobresinha diz.

Diz que receia que te fira forte
A vil, maligna mão,
Porque tambem a tua morte é a morte
D'este meu coração.

D'este que pulsa, como ignota corda,
A luz do sol que tens
Nos olhos teus, que a minha vida bórda
De venturas e hens!

Onde irei eu pairar sem ti, sem este
Labio que heijo só?
Sem ti — perfume brisa, que soergueste
A mim — misero pó?

Ab! não queijas saber p'ra onde iremos,
Que incerteza maior?
Adores-me, eu adoro-te: sonhemos...
Sonhemos, que é melhor.

Sonhemos! e que vivas envolvida,
Tu — pelas illusões,
E eu — pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações!

1887.

ALFREDO DE SOUZA.

PREFACIO DOS 'AZULEJOS'

(Continuação)

Ab! se a nossa amada Lisboa, velha crenda do abbado que se arrebeca á franceza, tivesse já comprehendido o que, n'este anno da Graça de 88, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua coturricia; — que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na sua realidade ou não como tu a poderias idear na tua imaginação — se in honro o teu livro suspeito-o de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa — obra observada ou não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recordada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não n'esse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de rhetorica, que ainda atravanca um conto da Arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florsinha triste e melada que pende e que cheira a mofo.

Mos como tu sabes, amigo, n'esta Capital do nosso Reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que Naturalismo, ou, como n Capital diz, Realismo — é grosseria e sujidade! Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche do justo orgulho, — *discipulo de Zola?* — Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de aer torpe, se emprega esta expressão consagrada — *ô Zola?* Não tens tu visto que, ao descrever um easo sordido ou bestial, o homem de Gazeta acrescenta sempre, com um desdem grandioso: « para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de Zola? ». Assim é, assim é! Estranha maravilha do Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se n'uma terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa — mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em França, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo; tambem gritaram grosseria, sujidade, os nescios e os malignos, ao apparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do: *Assomoir* e de *Nana*. Sómente em França, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehendiram (como já muito bem tinham comprehendido os malignos) que se não tratava d'uma litteratura expressamente libertina, filha de Boccaccio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle — como parallelamente o Sr. Ulbach e outros pudicos peoros procuram judiciosamente acumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em preença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito, a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, occultar detalhe nenhum por

RABISCAS PHILOLOGICAS

RECTIFICACAO

Em um trecho do Sr. J. Ribeiro que citei de cor...

PACHECO JUNIOR.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Club de S. Christovao

Esteve brilhantissimo o baile familiar costumado...

Societe Francaise de Gymnastique

Muitas, ricas e espirituosas plantias no baile da sympathica colonia franceza...

Club Gymnastico Portuguez

Não sera facil dizer quantos deslumbramentos e encantos conseguiu reunir o Club para festejar a Alleluia.

so terminou na madrugada seguinte. Representantes da imprensa e commissões de diversas sociedades foram comprimentar a caprichosa directoria do Club pelo cunho de brilhantismo...

Congresso Gymnastico Portuguez

Não foi baile a phantasia o que esta sociedade deu no sabbado. Não lhe tirou isso, porém, coisa alguma do esplendor com que esta associação realisa nas suas festas.

Na residencia do Sr. capitão Joaquim S. A. Pimentel realizou-se em 12 do corrente uma bella soirée dramatico-dancante, constando o espectáculo das comedias A alma do Pinto, O fim do mundo, e A baratinha e da scena comica Ha alguma differença?

O desempenho, a cargo das Exmas. Sras. D. D. Maria Guimarães, Francisca de Castro e Cecilia Pimentel, dos Srs. João Lopes e João Gentil e de algumas crianças de um e outro sexo, foi muito correcto e digno dos studiosos auctores que mencionamos.

LORCON.

A VIDA ALEGRE

FENENTES DO DIAHO

Ferico? — Não. Deslumbrante? — Também não. Luminoso? — Ainda não. Fantastico? — Quaes?! — Arrebataador? Nada, nada d'isto. E' com tudo isto junto, e mais alguma coisa ainda, que vamos tratar de formar um adjectivo que de uma idéa clara, perfeita, verdadeira, do que foi a commemoração alleluiana na Taverna dos Tenentes.

DEMOCRATICOS

Foi tambem uma verdadeira noite de festa, a do sabbado ultimo, no Castello dos Democraticos. Um succulento e mirabolante baile á fantasia fez com que nos soberbos salões do Club se reunissem muitas, espirituosas e ricas fantasias, e que a festa se prolongasse até a madrugada de domingo.

A directoria, sempre amavel e cavalheirosa, dispensou aos socios e convidados as mais inequivocas provas de delicadeza e ns mais captivantes attentões.

PONSARDIN.

COLLABORAÇÃO

CONTRASTES

A VALENTIM MAGALHES

Aimer, c'est avoir dans les mains Un fil pour toutes les epreuves... V. Hugo—Les Rayons et les Ombres.XXVI.

Sem amor o Petrarca não teria Um lyrismo que a todos enternece, E talvez mesmo o Dante não fizesse Esse inferno que a todos arrepeia.

Mas tambem inda Troia existiria Se em Helena belleza nunca houvesse, E se a dor eternal nos envilece Foi porque Eva do amor tudo queria.

Será bom, será mau tal sentimento? Elucide esse ponto quem puder; Dizem uns que é prazer, outes tormento.

Seja lá o que for; cá no meu vér, E' bem doce esse amargo sofrimento E' bem triste esse celeri prazer.

OLIVEIRA E SILVA.

INVERNO

O inverno chega e o bando de andorinhas Parte sereno as vastidades cortando; Chirriante, festo, gárrulo, cantando Abandonam balseados, deixam vinhas.

Não ha nas mattas a harmonia leve Das serenias manhãs da primavera, Sómente o furacão com voz severa Triste balança as arvores. A neve

Os montes cobre; ulula tristemente O forestal sombrio; brandamente Desliza o ribeirão pelos juncaes!

Como fogem agora as andorinhas, Levantam vôo as esperanças minhas, Que ha no teu peito inverno e nada mais!

MARIO PEDERNEIRAS.

FACTOS E NOTICIAS

Regressou das aguas de Caxambú o deputado geral barão de Canindé. S. E. veio restabelecido dos incommodos cujo allivio fora buscar. Comprimentamo-lo.

CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Commemorado a gloriosa data de 7 de Abril, fundou-se na cidade de Valença o club republicano daquelle municipio.

Ainda que instalado com pequeno numero de socios, o club espera numerosas adhesões, pois a idéa republicana tem adeptos convictos naquelle municipio, um dos mais ricos e florescentes da provincia do Rio de Janeiro.

Damos em seguida o manifesto que esse club assignou, concluindo pela plena adhesão ao manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

MANIFESTO DO CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Concidadãos! O momento que nossa patria vae atravessando, se é dos mais angustiosos para a alma dos livres pela profunda miseria economica e moral a que nos r-duziram as instituições e costumes da monarchia, é tambem e por isso mesmo, pleno de latentes esperanças, por uma lei grandemente consoladora para a dignidade humana, e com a qual não conta a teagueira do despo-

tismo—a lei da reacção, que consente o martyrio em apostolado, a oppressão em revolta, e fez dizer ao immortal exilado de Jersey que da aquéda saas u ascensão!

Mais baixo do que temos chegado é impossivel em um povo americano, sem tradições corruptoras, sem a educação secular no captivo, que tem depauperado os caracteres das volhas nacionalidades europeas; mais baixo não se póde descer n'um meio como o nosso proprio á liberdade: é, pois, tempo, mais que tempo, apenas não é tarde ainda, para ampararmos em braços illaes esta grande terra asphyxiada pelos descendentes da dynastia bastarda, foragida e inepta que ha mais de meio seculo nos segrega do luminoso convívio americano para as trévas ignominiosas de um monarchismo beato e caduco; é tempo, concidadãos, de reerguermos a patria brasileira, dos punhanos do imperialismo bragantino, para as eminencias da democracia, para as virgens alturas ásperas, abruptas, mas banhadas de sol, onde o homem sente que é irmão do homem, senhor da natureza, e não conhece outra magestade além da sua vontade soberana!

Nossos espiritos emancipados, nossas consciencias altivas clamam bem alto que não podem tolerar a tutela immoral e desmoralizadora de uma forma de governo que a nossa razão repelle, que a nossa dignidade de homens odeia, que o nosso civismo amaldiçoa.

Como o mais racional e mais singelo, que é, dos systemas de governo, por que é a leal traducção da justiça na ordem social e politica, o regimen republicano póde e devo vigorar desde já no Brazil; e não vem longe o dia do seu abençoado triumpho, ou seja pelas beneficentes tempestades da revolução, ou pela transformação pacifica,—immediata e total, ou gradual e successiva, quer dizer, ou pela proclamação da Republica em todas as nossas provincias, ou pelo desmembramento das mais poderosas e fortes como São Paulo ou Rio Grande do Sul.

A idéa da separação, que tantas adhesões desperta agora em S. Paulo, é nos extremamente sympathica, pois preferimos sem hesitação o desmembramento para a republica á integridade para a permanencia na monarchia; e temos fé em que a emancipação politica das nossas mais ricas provincias ha de seguir-se, por esforços dellas proprias, a emancipação das outras, para que a final communguem todas no esplendido convívio da Confederação Brasileira!

Como solemne profissão de nossa fé politica, adherimos sem restricções ao excelso monumento, á magna carta do republicanismo brasileiro—o manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

Saude e fraternidade!

Viva a Republica!

Valença, 7 de Abril de 1887.

Assignados—J. C. Lariovoir, presidente, industrial—Lucio de Mendonça, secretario, advogado (relator)—Joaquim Ignacio Chaves Ferreira, thesoureiro, negociante—João de Sá Lariovoir, agrimensor—João Francisco Barcellos, advogado—Alberto Augusto Carneiro da Cunha, negociante—Mariano Antonio de Mello, advogado—João Baptista Moniz Oliveira, professor—P. p., Dr. José Vieira dos Santos, medico.

Realizou-se na segunda-feira, no cemiterio de S. João Baptista, a collocação do monumento que foi planejado e executado pelo habil artista Ludovico Berni, á memoria de D. Luiza Regadas. A cerimonia compareceram representantes da imprensa, a familia da finada e membros da Confederação Abolicionista.

Como trabalho de arte, este monumento honra sobre maneira o artista que o talhou, o como obra de estima e saudade é elle uma bella prova do quanto é reconhecido o publico, que sollicito correu á matiné organizada para a erecção de tal monumento.

Hoje, em homenagem á memoria de D. Luiza Regadas, publicamos a poesia, expressamente escripta para aquella matiné pelo director d'esta folha, e magistralmente recitada pelo actor Eugenio de Magalhães.

Por meio de um delicadissimo cartão despedio-se de nós a distincta actriz cantora Mmc. Delmary, que parte hoje para Paris.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, coroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONALCARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSMISSIVEL! INADIABEL!**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507